

The diverse image of COVID-19 on Instagram

| As múltiplas imagens da COVID-19 na rede social *Instagram*

ABSTRACT | Introduction:

The disease caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2), popularly treated by COVID-19 (Corona Virus Disease), has affected the world population in several aspects. From the first information produced and disseminated, a plural image was built on this condition. Social networks, formal and informal, contributed to this construction. Objectives: To analyze the images of COVID-19 shown on the social network Instagram, as well as the symbols associated with the beginning of the pandemic.

Methods: This is a descriptive study with an emphasis on the qualitative nature in which images related to COVID-19 were searched from Instagram. The search engine was carried out using hashtags and was carried out at the beginning of the pandemic. The images classified as "relevant" by the social network were selected and, then, the inclusion criteria were applied. The images were analyzed according to their meanings and symbols and based on the hermeneutic proposal of Hans-Georg Gadamer.

Results: Four units of meaning were perceived, namely: Pharmacological coping measures; non-pharmacological coping measures; New ways of life; and Emotions and feelings raised by the pandemic. Non-pharmacological measures such as the use of Personal Protective Equipment (PPE) for prevention and control, in addition to the strategies of distance and social isolation were more representative.

Conclusion: The image of COVID-19 on the social network Instagram was related to the non-pharmacological coping measures that changed the habits of the entire population and reflected in changes in their practices. However, we have doubts as to its application, considering the time of spread of the disease that extends to the present date.

Keywords | *Coronavirus Infections; Pandemics; Social Networking; Qualitative Research; Hermeneutics.*

RESUMO | Introdução: A enfermidade causada pelo novo coronavírus (*SARS-CoV-2*), popularmente tratada por COVID-19 (*Corona Virus Disease*), tem afetado a população mundial sob vários aspectos. A partir das primeiras informações produzidas e disseminadas, foi construída uma imagem plural sobre esse agravo. As redes sociais, formais e informais, contribuíram para essa construção. **Objetivos:** Analisar as imagens da COVID-19 veiculadas na rede social *Instagram*, assim como os símbolos associados ao início da pandemia. **Métodos:** Trata-se de estudo descritivo com ênfase na natureza qualitativa em que foram pesquisadas imagens referentes à COVID-19 a partir do *Instagram*. O mecanismo de busca se deu por meio das *hashtags*, e ela foi realizada logo no início da pandemia. Foram selecionadas as imagens classificadas como "relevantes" pela rede social e, então, aplicados os critérios de inclusão. As imagens foram analisadas de acordo com seus significados e símbolos e fundamentadas na proposta hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.

Resultados: Quatro unidades de significado foram percebidas, a saber: Medidas de enfrentamento farmacológicas; Medidas de enfrentamento não farmacológicas; Novos modos de vida; e, Emoções e sentimentos aflorados pela pandemia. As medidas não farmacológicas como o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para prevenção e controle, além das estratégias de distanciamento e isolamento social foram mais representativas. **Conclusão:** A imagem da COVID-19 na rede social *Instagram* esteve relacionada com as medidas de enfrentamento não farmacológicas que modificaram os hábitos de toda a população e repercutiram em mudanças nas suas práticas. Contudo, temos dúvidas quanto a sua aplicação, tendo em vista o tempo de disseminação da doença que se estende até a presente data.

Palavras-chave | Infecções por Coronavírus; Pandemia; Redes Sociais; Pesquisa Qualitativa; Hermenêutica.

¹Universidade Federal do Piauí. Teresina/PI, Brasil.

INTRODUÇÃO |

Em dezembro de 2019, foi observado um surto de uma pneumonia de origem indeterminada, posteriormente nomeada de *COrona VTrus Disease* - COVID-19. O surto despertou atenção internacional pelo seu potencial de transmissibilidade e gravidade clínica¹⁻⁵. Em pouco tempo, a doença já tinha se espalhado em diversas regiões do mundo, sendo caracterizada como pandemia⁴.

Logo no início, faltavam informações sobre o agravo e iniciava o esforço da comunidade científica em produzir e disseminar o conhecimento. Naquela oportunidade, algumas controvérsias foram geradas no que diz respeito às possibilidades terapêuticas e ‘tratamento precoce’ (sem comprovação científica até os dias de hoje) e a eficácia do uso das máscaras. Eram muitas informações produzidas sobre a COVID-19 em meio a uma velocidade tamanha de veiculação que provocava uma série de emoções, sentimentos e reações na população. Mais tarde, houve maior apropriação sobre o agravo e das medidas de prevenção e controle que culminou com a produção da vacina ainda no ano de 2020⁶.

O primeiro registro da COVID-19 no Brasil se deu em fevereiro de 2020, e o primeiro óbito, em 17 de março⁷. Desde então, disseminou-se rapidamente, resultando em mais de nove mil óbitos registrados em menos de dois meses depois⁸.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 24 de maio de 2021, o número de casos confirmados de COVID-19 já ultrapassava a marca de 166.860.081, e o número de mortes era de 3.459.996. No Brasil, foram registrados 16.047.439 casos confirmados da doença e 448.208 mortes, considerando o mesmo período².

Essa avalanche, que assolou a população mundial, oportunizou efeitos variados e, ainda, incalculáveis em todos os setores, não somente na saúde. Em se tratando da saúde, podem-se citar possíveis consequências psicológicas em virtude das medidas de enfrentamento que ditavam sobre o isolamento e distanciamento social em massa. Isso chamou atenção para um maior índice de ansiedade, depressão, uso nocivo de álcool e menor bem-estar mental, quando comparado aos índices populacionais usuais^{9,10}.

Diversas emoções, sentimentos e reações foram intensificados nesse período. Além do medo das

consequências da infecção – potencialmente fatal –, foram observados tédio, solidão e raiva. Imersos em uma infinidade de informações falsas que circularam nas mídias sociais, formais e informais, ainda se percebe a ansiedade sobre a doença¹¹.

No que diz respeito às informações falsas, é possível que isso possa afetar as percepções e comportamentos das pessoas, minando os esforços coletivos e colaborativos para impedir a disseminação da doença. Isso traz à tona a reunião de esforços e investimentos para a comunicação em saúde, mesmo em tempos de má comunicação governamental, em associação com políticas públicas focadas na mitigação e supressão da transmissão^{12,13}. Isso contribuiu para a prevenção do colapso do sistema de saúde e redução da mortalidade de forma expressiva¹⁴.

À medida que a doença se alastrava em todos os continentes e que se percebem os seus efeitos, foi possível construir uma imagem dessa pandemia. Isso esteve atravessado por todas essas emoções, sentimentos e reações mencionados anteriormente.

A partir disso e somado à disseminação de relatos técnico-científicos oportunizados pelo turbilhão de publicações, informes e artigos, pode-se ter contato com uma imagem construída socialmente e veiculada nas diversas redes formais e informais. Era a materialização da imagem da pandemia sendo construída e disseminada, também, por uma parcela da população que não conjugava, necessariamente, elementos técnicos e científicos.

O *Instagram* foi uma rede social formal de destaque nos últimos anos, fornecendo aos seus usuários a oportunidade de compartilhar imagens e/ou vídeos na internet. Essa rede apresentou elementos para ampliar a compreensão sobre a sociedade, a partir das reflexões e *insights* obtidos a partir das imagens em postagens¹⁵.

Segundo o Internet World Stats¹⁶, no Brasil, existem em torno de 149,1 milhões de usuários na internet, correspondendo a cerca de 70% da sua população. A maior parte dos usuários do *Instagram* tem entre 18 e 44 anos de acordo com o Relatório Digital 2020. Na rede social, as mulheres são as principais representantes, sendo alvo de 51% dos anúncios postados, contra 49% dos anúncios recebidos pelo público masculino. Um total de 970 milhões de pessoas pode ser atingido por anúncios dessa rede¹⁶.

Ao tratar dos mecanismos de busca na internet, as *hashtags* tornaram-se links indexáveis nas redes sociais. O uso de *hashtags* nas postagens publicadas tornou possível a construção de agrupamentos de imagens acerca de determinado conteúdo. Sendo assim, tem-se a possibilidade de recrutar elementos de um mesmo tópico ou discussão específica¹⁵⁻¹⁷.

A partir dessa percepção, questiona-se: quais têm sido as imagens da COVID-19 que circularam na rede social *Instagram* logo no início da pandemia? Assim, o objetivo deste estudo foi analisar as imagens da COVID-19 veiculadas na rede social *Instagram*, assim como os símbolos associados ao início da pandemia.

MÉTODOS |

Trata-se de estudo descritivo com ênfase na natureza qualitativa, norteado pelo paradigma interpretativo¹⁸, em que foram pesquisadas imagens referentes à COVID-19. Seguimos a proposta do Standards for Reporting Qualitative Research (SRQR) para garantir a transparência e completude da produção textual do manuscrito^{19,20}.

O estudo foi realizado a partir do *Instagram* (www.instagram.com) que constitui uma rede social de livre acesso aos usuários, cujas imagens estão disponíveis para cópia sem necessidade de prévia autorização, caso postadas em “modo público” pelo usuário.

As imagens foram obtidas manualmente durante os meses de abril e maio de 2020, diariamente e de forma ininterrupta (30 dias), sem a identificação do proprietário do perfil, a partir da ordem em que as imagens publicadas apareciam na ferramenta de busca da rede social. Foi criada uma conta na rede social *Instagram* para a busca e seleção das imagens, associada a e-mail não pessoal também criado para esse fim.

Para minimizar possíveis influências da rede social na busca das publicações, a conta criada não seguiu nem foi seguida por outras contas da rede, e a busca das imagens não foi realizada em *smartphone*, sendo utilizado o próprio site da rede social em computador. As imagens selecionadas incluíram no seu próprio *post* as seguintes *hashtags*: #coronavirus, #coronavírus, #novocoronavírus, #covid e #covid19. Tais *hashtags* foram escolhidas devido à maior quantidade de publicações envolvendo seu uso, quando

comparadas com outras *hashtags* que se associavam à menor quantidade de *posts*.

Foi utilizada como critério de seleção para as *hashtags* a quantidade e frequência de *posts* atribuídas a elas (*hashtags* com maior número de publicações relacionadas à COVID-19 foram selecionadas). Foram selecionadas as imagens classificadas como “relevantes” pela rede social (total de 09 imagens por dia para cada *hashtag*), e então aplicados os critérios de seleção nessas imagens. O número total de imagens selecionadas de cada *hashtag* foi registrado e estas arquivadas para posterior análise.

Os critérios de inclusão para os posts foram: imagens ou indícios de representação da COVID-19; ser passível de interpretação; estar inserido dentro de um contexto ou permitir o entendimento da imagem ou indício apresentado. Foram critérios de exclusão de imagens: memes, propagandas que não mencionem proposta de educação em saúde, selfies e fotos pessoais fora do contexto da COVID-19. Além disso, as imagens duplicadas tomaram o valor de apenas uma imagem.

Após o período de coleta de dados, as imagens foram analisadas de acordo com seus significados e símbolos, podendo, no entanto, uma mesma imagem ser alocada em duas ou mais unidades de significado. Aquelas imagens que geraram dúvidas ou controvérsias sobre o que representam foram exaustivamente discutidas pelos pesquisadores até se chegar ao consenso.

Este estudo foi construído e fundamentado na proposta hermenêutica de Hans-Georg Gadamer²¹. A análise das imagens foi associada ao método proposto por Joly²² e incluiu a sua descrição, sendo os resultados expressos em unidades de significado e frequência de ocorrência (elemento descritivo), realizada com base em planilhas do *Microsoft Office Excel*® e expressa em números absolutos e porcentagens. Não foram aplicados testes estatísticos nesse estudo.

RESULTADOS |

A partir da busca das imagens na rede social, identificaram-se 374 registros, após o período de 30 dias de coleta de dados. Cada um deles foi analisado pelos autores até chegar a um consenso sobre a unidade de significado

mais apropriada. Quatro unidades de significado foram percebidas a partir da análise das imagens, a saber: Medidas de enfrentamento farmacológicas; Medidas de enfrentamento não farmacológicas; Novos modos de vida; e, Emoções e sentimentos aflorados pela pandemia. Os resultados podem ser percebidos no Quadro 1.

A unidade de significado que trata das medidas não farmacológicas como o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para prevenção e controle, além das estratégias de distanciamento e isolamento social foi mais representativa (51,33%; N=192). É possível que isso esteja atrelado ao estranhamento oportunizado na rotina da população. A máscara foi o símbolo mais utilizado nessa unidade e foi evidenciada por meio da sua utilização nas mais variadas situações do cotidiano das pessoas. Observaram-se, também, imagens sobre a realidade de isolamento e distanciamento social, ainda que percebidas dificuldades para a sua correta aplicação.

Diversas emoções, sentimentos e reações foram aflorados pela pandemia e caracterizaram o segundo grupamento com maior frequência (24,06%; N=90). Aqui, a ênfase foi dada ao medo, angústia, estigma, ansiedade, solidão e saudosismo, mas também à esperança, resiliência, empatia, solidariedade e amorosidade. As imagens de uma pessoa sozinha com o corpo retraído e encolhido em um cenário de isolamento fez parte dessa unidade.

Referente às imagens que traduziam os novos modos de vida, perceberam-se 13,63% (N=51) dos registros. Nessa unidade de significado, foram consideradas as atividades

em domicílio, a adequação do cotidiano em casa e as oportunidades de trabalho e entretenimento. As imagens evidenciando o uso dos espaços de forma múltipla como ambiente de repouso, trabalho, lazer e para a realização de atividades físicas foram destaque nessa unidade.

Já a unidade que trata das medidas de enfrentamento farmacológicas foi observada em 10,96% das imagens selecionadas (Quadro 1). Aqui, a ênfase foi dada ao registro de práticas de atenção à saúde baseada no contato com insumos, medicamentos e equipamentos. Fizeram referência às fases laboratoriais para produção de insumos farmacêuticos, como as vacinas, e testagem, assim como às fases de atendimento pré-clínico e clínico, tanto em ambiente ambulatorial, como também hospitalar, incluindo o uso de ventilação artificial.

DISCUSSÃO |

Este estudo faz referência à análise dos registros publicados em uma rede social em um contexto bastante específico. Tratava-se do início de uma pandemia de origem desconhecida que tinha potencial para disseminação e mortalidade avassaladoras.

A partir da rápida disseminação do vírus nos seis continentes, percebeu-se um elevado investimento mundial na produção e disseminação do conhecimento científico acerca do agravo²³. Esse movimento foi bastante oportuno de tal sorte que, em janeiro de 2020, o mundo já conhecia a

Quadro 1 - Registro das unidades de significado relacionadas às imagens da COVID-19 obtidas na rede social Instagram em 2020

Unidades de significado	Descrição das imagens que compõem a unidade de significado (significados e símbolos)	N (%)
Medidas de enfrentamento não farmacológicas	Prevenção e controle da COVID-19; ênfase ao uso de EPI; medidas de distanciamento social, isolamento voluntário e isolamento de sintomáticos; e, comunicação em saúde.	192 (51,33%)
Emoções, sentimentos e reações afloradas pela pandemia	Ênfase ao medo, angústia, estigma, ansiedade, solidão, saudosismo, esperança, resiliência, empatia, solidariedade, amorosidade.	90 (24,06%)
Novos modos de vida	Atividades em domicílio; adequação do cotidiano em casa; oportunidades de trabalho e entretenimento.	51 (13,63%)
Medidas de enfrentamento farmacológicas	Ênfase ao atendimento pré-clínico e clínico, incluindo vacinas.	41 (10,96%)
TOTAL		374 (100%)

Fonte: elaborado pelos autores.

sequência genética do vírus responsável pela COVID-19⁶. Isso foi fundamental para a corrida em busca de dispositivos de testagem, prevenção e controle da doença, incluindo a produção das vacinas.

Inicialmente, foram reconhecidos elementos importantes nas diversas fases da doença que possibilitaram a socialização de medidas de enfrentamento. Algumas delas estavam relacionadas à prática pré-clínica e clínica, ambulatorial ou hospitalar, e ao uso de insumos e medicamentos.

No que diz respeito aos testes desenvolvidos para diagnóstico, chegamos a um cenário com múltiplas possibilidades. Além do padrão ouro, RT-PCR (do inglês *reverse-transcriptase polymerase chain reaction*), obtido por meio da detecção do RNA do SARS-CoV-2 na amostra, preferencialmente, de raspado de nasofaringe, contou-se com o exame sorológico e uma diversidade de testes rápidos. O exame sorológico partiu da verificação da resposta imunológica do corpo diante do contato com o vírus. Já os testes rápidos contaram com aspectos diversos, os quais giravam em torno do material biológico a ser utilizado, a definição do marcador biológico com maiores chances de ser detectado, o momento ideal da infecção para a coleta da amostra e tipo ideal de amostra e a acurácia²⁵.

Quanto à conduta diante do diagnóstico confirmado da doença, dois aspectos importantes podem ser mencionados, a saber: o uso de medicamentos e a necessidade de cuidados avançados, incluindo internação em unidades de cuidados intensivos com ventilação artificial.

O uso de medicamentos envolveu grande discussão acerca do uso de aminoquinolinas (hidroxicloroquina e cloroquina) e ivermectina como “solução miraculosa”²⁶. Havia dissenso quanto à sua utilização logo no início da pandemia. Atualmente, há mais de um ano após o início da pandemia, não há evidências científicas que respaldem o uso dessas substâncias na prevenção ou tratamento da COVID-19²⁷⁻²⁸. Muitos países que vislumbraram a esperança de cura a partir do uso desses medicamentos já os descartaram de seus protocolos clínicos, uma vez que os eventuais benefícios atribuídos à cloroquina e hidroxicloroquina não compensavam os riscos conhecidos de seu uso²⁸. Apesar disso, o governo brasileiro insistiu em sua defesa, contrariando o alerta produzido por agências de respaldo mundial²⁴.

Esse debate evidenciou a importância da utilização da ciência como recurso para a produção de evidências que subsidiará a tomada de decisões em saúde. Isso inclui a gestão da clínica, gestão dos sistemas e serviços de saúde e a gestão pública. Contudo, em alguns cenários, percebe-se a produção de um conflito com fins eleitoreiros que confundiu a população e, talvez, tenha influenciado à massificação da informação e produção de *fake news*.

Quanto ao acesso de equipamentos e tecnologia na fase de internação hospitalar, houve ênfase ao contato com respiradores mecânicos. Nesse caso, a insuficiência dos recursos disponíveis para o tratamento da doença gerou um alerta na população e uma tensão na produção da atenção à saúde, tendo em vista a possibilidade de colapso do sistema de saúde³⁰. Nesse contexto, como exemplo de descompensação, pode-se citar a experiência do Brasil, com o verificado na capital amazonense, onde sepulturas foram feitas com escavadeiras por causa do aumento da demanda, e no estado de São Paulo, com a abertura de 13 mil novos túmulos e a construção de um novo cemitério necessários para dar conta da nova realidade³¹.

Todos esses aspectos discutidos até aqui contribuíram para a construção da imagem das medidas de enfrentamento farmacológicas que foram socializadas na rede *Instagram*. Contudo, não repercutiram tanto quanto as medidas de enfrentamento não farmacológicas.

Em se tratando das medidas de enfrentamento não farmacológicas, 51,33% das imagens observadas sugeriram essa unidade de significado. Aqui, foram explorados símbolos sobre a proteção individual como uso de máscaras e *face shield*, assim como situações relacionadas ao distanciamento social, isolamento voluntário e isolamento de sintomáticos. Também, foram agrupadas imagens relacionadas à comunicação em saúde, tendo em vista a disseminação de informação para fundamentar essas medidas.

O uso de máscaras como equipamento de proteção individual, inicialmente, gerou alguns questionamentos. Alguns deles estiveram relacionados com a eficácia do uso contínuo e em massa de máscaras de tecido frente ao novo coronavírus, tanto em sintomáticos, quanto em assintomáticos³².

Em abril de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o uso de máscaras de tecido, quando

o distanciamento físico de, pelo menos, um metro ou mais de distância não é possível¹. Isso foi fortemente disseminado e interferiu nos hábitos sociais em diferentes grupos populacionais em proporções diversas. Também contribuiu para a incorporação de aspectos importantes para a composição de uma etiqueta respiratória. Percebe-se isso em meio a uma diversidade de imagens em que se ressaltou o uso de máscaras em diversas cenas do cotidiano das pessoas.

Alguns autores mencionaram que o uso de máscara de tecido possibilitava a construção de uma barreira às gotículas respiratórias e aerossóis, quando comparada a nenhuma máscara. Mencionaram que esse equipamento seria um recurso adicional na prevenção e deveria sempre ser associado à etiqueta respiratória, higienização das mãos, distanciamento social e isolamento dos casos³². Outra autora mencionou receio do uso da máscara que poderia dar a falsa sensação de proteção, além de promover o relaxamento da adesão a outras medidas reconhecidamente efetivas, como a lavagem das mãos, por exemplo³³.

Todavia, alguns apontamentos foram levados em consideração. Levando-se em conta o princípio da precaução, e pelo fato de a COVID-19 ser uma ameaça séria à saúde da população, mesmo a proteção limitada que as máscaras mais simples fornecem, elas podem evitar alguma transmissão e seu uso em público deve ser aconselhado, apesar da ausência de evidências definitivas³⁴.

As situações relacionadas ao distanciamento social, isolamento voluntário e isolamento de sintomáticos também compuseram essa unidade de significado neste estudo. Foram percebidas nas imagens por meio de registros solitários ou com o núcleo familiar no próprio domicílio baixa circulação de pessoas nos equipamentos públicos, organização de filas com distanciamento mínimo entre cada um dos integrantes, dentre outras.

É importante frisar que, no Brasil, essas medidas não estavam consolidadas na rotina das pessoas diante do perigo de disseminação de um vírus causador de uma síndrome respiratória aguda grave. Não era de costume ver no cotidiano das pessoas o uso de máscaras, quando sintomáticos respiratórios, ou mesmo a preocupação em se isolar.

Esse comando foi responsável pela mudança de hábitos em intensidades diferentes nos diversos grupos sociais.

Em meio a isso, é importante chamar atenção para alguns possíveis efeitos psicossociais na população oportunizada pelo caráter inédito do distanciamento e isolamento sociais simultâneos de milhões de pessoas⁶. Alguns autores sugerem efeitos desastrosos que incluem uma “pandemia de medo e estresse”³⁵.

Todas essas medidas, farmacológicas e não farmacológicas, que representaram mais da metade das imagens coletadas, tiveram destaque no controle e prevenção da pandemia de COVID-19. Embora isso não tenha sido suficiente para a dizimação desse agravo, a ênfase dada a esse tipo de medidas de enfrentamento foi capaz de evitar o colapso do sistema de saúde em diversos cenários naquela ocasião.

De fato, tem sido oportuno combinar estratégias para atuar diante da pandemia. Aliado a isso, a socialização da informação para o cuidado em saúde tem sido apropriada, resgatando princípios importantes como a empatia e solidariedade e colocando as pessoas como co-responsáveis diante da prevenção e controle do agravo.

Outro aspecto observado por meio da análise das imagens veiculadas no *Instagram* fez referência aos efeitos nos modos de vida das pessoas. Isso foi verificado em 13,63% dos casos. Essa unidade agregou imagens que tratavam da ressignificação e adequação do ambiente domiciliar que, agora, estava sendo utilizado para atividades físicas, de educação, de trabalho e de lazer, assim como imagens que enfatizavam oportunidades de trabalho e entretenimento diante do cenário e do contexto da pandemia.

A pandemia ditou mudanças no modo de vida das pessoas e mexeu com aspectos culturais importantes. Aqui, estamos tratando da relação entre as diferentes práticas cotidianas, trabalho, vida familiar, consumo, lazer etc. Isso movimentou o grau de consciência das pessoas sobre a condução dos seus destinos, tanto individuais como também coletivos. Mais uma vez, colocou à prova os princípios de empatia e solidariedade que foram discutidos anteriormente.

Essas mudanças consolidaram um importante exercício do cuidar de si e do cuidar do outro, visto que a ação de uma pessoa poderia repercutir na vida de um coletivo.

Atentamos, ainda, para o sedentarismo e consumo de tabaco e álcool durante esse período de restrição social. Alguns autores mencionaram uma piora dos estilos de vida e

aumento de comportamentos de risco à saúde, durante esse período de restrição social, caracterizado pela diminuição da prática de atividade física e aumento do tempo em frente a telas, da ingestão de alimentos ultraprocessados, do número de cigarros fumados e do consumo de bebidas alcoólicas. Isso foi observado em diferentes grupos etários e sexo³⁶.

Por fim, construímos uma unidade de significado que tratou das emoções e sentimentos aflorados pela pandemia. Isso atingiu 24,06% das imagens coletadas e esteve relacionado com o medo, a angústia, o estigma, a ansiedade, a solidão, o saudosismo, mas também a esperança, a resiliência, a empatia, a solidariedade e a amorosidade.

Alguns grupos podem ser mais vulneráveis do que outros aos efeitos psicossociais da pandemia, tais como idosos, pessoas com problemas médicos, psiquiátricos ou de abuso de substâncias preexistentes e profissionais de saúde. Ferramentas como o rastreamento, psicoeducação e apoio psicossocial são importantes para evitar problemas de saúde mental nesses indivíduos³⁷.

Essa temática foi explorada por alguns autores em um estudo com homens no enquadramento da doença COVID-19³⁸. A ansiedade, por exemplo, foi citada como consequência do conhecimento acerca do crescente número de hospitalizados e mortos pela pandemia veiculada nos noticiários. Além disso, a apreensão, a insegurança, a inquietação, a instabilidade e o medo se somaram a esse sentimento. No entanto, houve registro do encorajamento e confiança de que tudo isso será superado.

Para a perspectiva hermenêutica, todas essas emoções, sentimentos e reações descritas a partir da análise das imagens que foram publicadas na rede social *Instagram* em um contexto de pandemia de COVID-19 revelaram a procura de um novo significado de vida diante de uma situação de risco e vulnerabilidade. De fato, a pandemia oportunizou reflexão e movimento em torno de um problema existencial, não somente de uma questão biologicista. A perspectiva individual não poderia ser a única a ser levada em consideração, uma vez que as atitudes e comportamentos de uma pessoa reverberariam na vida de um coletivo³⁹.

Essa discussão faz referência à saúde coletiva e à atenção aos ‘novos modos de viver’ sob um ponto de vista solidário e empático, que contemple questões importantes sobre

a temática da saúde sob um ponto de vista ampliado. Isso inclui uma discussão sobre alimentação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade e acesso aos serviços de saúde, conforme mencionado nas bases normativa do país⁴⁰.

O que precisaremos discutir aqui é que devem ser elaboradas políticas públicas que deem conta da pandemia de COVID-19 e todos os seus efeitos. Isso diz respeito, também, a uma possível crise psicossocial para a qual deveremos atentar, uma vez que essa pandemia poderá impactar negativamente na manutenção da saúde mental da população mundial.

CONCLUSÃO |

A apropriação sobre a COVID-19 foi representativa para a comunidade científica e não científica logo no início da pandemia. Gerou uma série de tensões que foram percebidas nas imagens publicadas na rede social *Instagram*.

A imagem da COVID-19 na rede social *Instagram* está relacionada com as medidas de enfrentamento não farmacológicas que modificaram os hábitos de toda a população e repercutiram em mudanças nas suas práticas. Assim, o uso de máscaras e *face shield*, assim como a vivência do distanciamento e isolamento social foram incluídos como medidas a serem seguidas e foram amplamente divulgadas. Contudo, têm-se dúvidas quanto a sua aplicação, tendo em vista o tempo de disseminação da doença que se estende até a presente data. Assim, outros estudos podem ser realizados com o intuito de analisar a imagem desse agravo em períodos diferentes da pandemia.

Vale mencionar que este trabalho pode contribuir com a discussão sobre a imagem da COVID-19 na rede social *Instagram* por meio da abordagem hermenêutica. A perspectiva sistêmica, em acordo com entendimento proposto por Gadamer, foi elucidada a partir da ênfase a questões existenciais sob uma perspectiva coletiva.

A abordagem hermenêutica nos permitiu explorar as imagens e compreender o que mais afetava cada um dos usuários da rede social. Possibilitou, ainda, compreender as reações, sentimentos e emoções geradas pelas pessoas no enfrentamento da pandemia de COVID-19.

REFERÊNCIAS |

1. World Health Organization - WHO. Emergencies preparedness, response. Pneumonia of unknown origin – China. Disease outbreak news. 2020 [cited 2020 May 17]. Available from: <https://www.who.int/csr/don/05-january-2020-pneumonia-of-unknown-cause-china/en/>
2. World Health Organization - WHO, 2020. Coronavirus disease (COVID-19) outbreak [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2021 [cited 2021 May 24]; Available from: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.
3. World Health Organization - WHO. Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) [Internet]. World Health Organization; 2020 [cited 2020 Mar 6]; Available from: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/who-china-joint-mission-on-covid-19-final-report.pdf>
4. Freitas ARR, Napimoga M, Donalisio MR. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiol. Serv. Saúde* [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 29(2): e2020119. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200900&lng=en.
5. Wang C, Hornby PW, Hayden FG, Gao GF. A novel coronavirus outbreak of global health concern. *Lancet*. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30185-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30185-9). [2020-05-17].
6. Lima MLSO, Almeida RKS, Fonseca FSA, Gonçalves CCS. A química dos saneantes em tempos de covid-19: você sabe como isso funciona?. *Química Nova*. 2020; 43(5), 668-678. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422020000500668&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Mar. 2021.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Especial. COE-COVID19. 26 abr. 2020.
8. Coronavírus Brasil. Painel Coronavírus [Internet]. [acessado em 24 maio 2021]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>
9. Holmes EA et al. Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *Lancet Psych* 2020; 7(6):547-560.
10. Frasilho D et al. Mental health outcomes in times of economic recession: a systematic literature review. *BMC Public Health* 2015 16:115.
11. Duarte MQ et al. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2020 [cited 2021 May 19]; 25(9): 3401-3411. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903401&lng=en.
12. Melo C, Cabral S. Pandemias e comunicação: uma avaliação experimental. *Revista de Administração Pública*. 2020;54(4), 735-757.
13. Clark B, Brudney J, Jang S. Coproduction of government services and the new information technology: Investigating the distributional biases. *Public Administration Review*. 2013; 73(5), 687-701.
14. Anderson R, Heesterbeek H, Klinkenberg D, Hollingsworth T. How will country-based mitigation measures influence the course of the COVID-19 epidemic? *The Lancet*. 2020: 395(10228), 931-934.
15. Hu Y, Manikonda L, Kambhampati S. What we instagram: A first analysis of instagram photo content and user types. In *Proceedings of the 8th International Conference on Weblogs and Social Media, ICWSM 2014*. The AAAI Press. 2014. p. 595-598. (Proceedings of the 8th International Conference on Weblogs and Social Media, ICWSM 2014).
16. Digital around the world in april 2020. *We Are Social*, 2020. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2020/04/digital-around-the-world-in-april-2020>>. Acesso em: 02 de junho de 2020.
17. Batista G; Rodrigues R. A Construção de Identidade na “Geração Fitness” do Instagram: a representação do eu e do corpo no ciberespaço [internet]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1378-1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021. ANAIS DE Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

18. Richardson RJ. Pesquisa social: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

19. O'Brien BC et al. Standards for Reporting Qualitative Research, *Academic Medicine*: September 2014 - Volume 89 - Issue 9 - p 1245-1251.

20. Patias ND, Hohendorff JV. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*. 2019; 24, e43536.

21. Gadamer HG. Verdade e método. Vol. 1. 15 ed, Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015. 631p.

22. Joly M. Introdução à análise da imagem. Lisboa. Ed. 70. 2007.

23. Costa ICP, Sampaio RS, Souza FAC, Dias TKC, Costa BHS, Chaves ECL. Produção científica em periódicos online sobre o novo coronavírus (COVID-19): pesquisa bibliométrica. Texto contexto - enferm. [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 29: e20200235. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072020000100206&lng=en.

24. Lima EJJF, Almeida AM, Kfourri RA. Vacinas para COVID-19 - o estado da arte. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.* (Online) ; 21(supl.1): 13-19, Feb. 2021.

25. Magno L, Rossi TA, Mendonça-Lima FW, Santos CC, Campos GB, Marques LM et al. Desafios e propostas para ampliação da testagem e diagnóstico para COVID-19 no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2020 Sep [cited 2021 Mar 12] 25(9): 3355-3364. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903355&lng=en.

26. Corrêa MCDV, Vilarinho L, Barroso WBG. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina / hidroxicloroquina contra a Covid-19: “no magic bullet”. *Physis* [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 30(2): e300217. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200600&lng=en.

27. Siemieniuk RAC, Bartoszko JJ, Ge L, Zeraatkar D, Izcovich A, Kum E, et al. Drug treatments for covid-19 living systematic review and metanalysis. *BMJ* 2020; 370:m2980.

28. Santos-Pinto CB, Miranda ES, Osorio-de-Castro CGS. O “kit-covid” e o Programa Farmácia Popular do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 1-5, 2021.

29. U.S. Food and Drug Administration. Coronavirus (COVID-19) update: FDA revokes emergency use authorization for chloroquine and hydroxychloroquine. Available from: <https://www.fda.gov/news-events/press-announcements/coronavirus-covid-19-update-fda-revokes-emergency-use-authorization-chloroquine>. Access: 24 May 2021.

30. Noronha KVMS et al. Pandemia por COVID-19 no Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos hospitalares e equipamentos de ventilação assistida segundo diferentes cenários. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 36(6): e00115320. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000605004&lng=en.

31. Ortega F, Orsini M. Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership, *Global Public Health*. 2020: 15:9, 1257-1277.

32. Taminato M, Mizusaki-Imoto A, Saconato H, Franco ESB, Puga ME, Duarte ML et al. Máscaras de tecido na contenção de gotículas respiratórias - revisão sistemática. *Acta paul. enferm.* [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 33: eAPE20200103. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002020000100600&lng=en.

33. Garcia LP. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde* [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 29(2): e2020023. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200902&lng=en.

34. Greenhalgh T, Schmid MB, Czypionka T, Bassler D, Gruer L. Face masks for the public during the covid-19 crisis *BMJ* 2020; 369:m1435.

35. Ornell F, Schuch JB, Sordi AO, & Kessler FHP (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235.
36. Malta DC, Szwarcwald CL, Barros MBA, Gomes CS, Machado IE, Souza Júnior PRB et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiol. Serv. Saúde* [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 12]; 29(4): e2020407. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000400315&lng=en.
37. Pfefferbaum B, North CS. Mental Health and the Covid-19 Pandemic. *N Engl J Med* 2020; 383:510-512.
38. Sousa AR et al. Sentimento e emoções de homens no enquadramento da doença Covid-19. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2020 Sep [cited 2021 Mar 12]; 25(9): 3481-3491. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903481&lng=en.
39. Gadamer HG. O caráter oculto da saúde. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
40. Conferência Nacional de Saúde, Brasília. Relatório final. Brasília, 1986.

Correspondência para/*Reprint request to:*

Fábio Solon Tajra

*Departamento de Medicina Comunitária,
Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Piauí
Avenida Frei Serafim, 2280,
Centro (Sul), Teresina/PI, Brasil
CEP: 64001-450
E-mail: fstajra@hotmail.com*

Recebido em: 25/03/2021

Aceito em: 15/06/2021